

Renata Piroli Mascarello
Angelo Antonio Duarte

(Anti) guia amoroso do Rio de Janeiro

Ônibus seguro é aquele que anda perto da igreja

AVISO

Este guia é resultado de um trabalho proposto na disciplina de Cidade e Sociabilidade, ministrada pelo Professor Doutor Robert Pechman no âmbito da Especialização em Política e Planejamento Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A proposta era fazer uma espécie de guia turístico de qualquer cidade, indicando lugares para se conhecer e/ou descrever sensações que os espaços são capazes de nos proporcionar. Submetido em parceria, o texto foi elaborado por mim, Renata, enquanto as imagens são de autoria do Angelo.

Escrito em maio e revisado em dezembro, ambos de 2017, este trabalho subverte um pouco a proposta inicial, pois se trata de um guia um tanto ran-

coroso sobre o Rio de Janeiro – algo bem típico de quem vem da minha cidade. No melhor estilo “Renata Ingrata”, não pretendo indicar roteiros, atrações ou locais para visitas, mas apresentar apontamentos sobre a mobilidade, o custo de vida e as pessoas com que/quem me deparei desde que me mudei para cá.

Ao abordar um pouco da rotina carioca (do ponto de vista de uma forasteira sem dinheiro), maravilhas são questionadas, chavões colocados em xeque e uma face não muito bonita do “errejota” é exposta. O que este guia vai fazer mesmo é te dar a real e, talvez, recomendar uma cidade para não ser conhecida e, sim, descoberta, (re)pensada e intensamente vivida.

Renata Piroli Mascarello

é pós-graduanda da especialização em Política e Planejamento Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestra em Direito pela Universidade de Caxias do Sul, com pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Graduada em Direito pela Universidade de Caxias do Sul/RS.

renata.mascarello@hotmail.co.uk

Angelo Antonio Duarte

é pós-graduando da especialização em Política e Planejamento Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-graduado em Fotografia, Linguagem e Expressão pela Universidade Cândido Mendes. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO... EU FUI!

Foi numa tarde de terça-feira que saiu o listão de aprovados na Especialização em Política e Planejamento Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As aulas começavam na semana seguinte e eu tinha que comprar minha passagem, no máximo, até domingo. Naquela mesma semana, fui num evento em Porto Alegre/RS, apresentei meu “namorado” aos meus pais, lancei meu livro e peguei o avião.

Fugida de Caxias do Sul/RS, de mala e cuia cheguei na cidade grande – sem dinheiro, sem referências, sem casa e cheia de planos. Desde aquele fatídico domingo, dei mais sorte que azar: conheci pessoas que me ajudaram e ajudam muito; avancei nos estudos; conheci lugares incríveis; e não passei frio! Ao mesmo tempo, passei por dificuldades e enfrentei muitos obstáculos. Muitos. Muitos, mesmo!

O preço das coisas, a hostilidade das pessoas, a mobilidade urbana e outras recorrentes desventuras estão nos capítulos da minha vida e deste pequeno guia – redigido sem muito afeto, porque não há amor quando se está numa situação precária.

AS VIAS DA IMBECILIDADE

O Rio de Janeiro me possibilita diversas alternativas de mobilidade urbana: ônibus, metrô, trem, barca, veículo leve sobre trilhos e bicicletas, por meio das ciclovias. Todas essas alternativas, contudo, não garantem uma melhora na qualidade de vida de quem se atreve a encarar o trânsito carioca.

Se tem uma coisa que o pessoal daqui não sabe fazer é dirigir defensivamente. Se eu estou dirigindo e vejo um congestionamento logo à frente, procuro permanecer atrás da faixa de segurança, aguardando até a situação ser regularizada, ao mesmo tempo que permito o fluxo de pedestres.

Cariocas não fazem isso. Cariocas veem carros amontoados e aproximam seu veículo até lá, para, espertamente, agravar o entrevero. Em seguida, com tamanha surpresa, percebem que estão incorporados ao congestionamento e parados no meio do sinal verde alheio, impossibilitando o tráfego de outros/as motoristas e sem poder sair de lá.

A solução? Obviamente, buzinar. Há um credo popular – e, acredite, não funciona – de que buzina resolve todos os problemas de trânsito. A buzina, além de resolver tudo, desperta um sentimento de solidariedade – esse sim, real! – nos/as motoristas: basta uma pessoa começar que as demais trombeiam incessantemente.



Estação de metrô Carioca

Outra coisa que merece destaque sobre o trânsito é a famigerada linha de ônibus 485. Teve um dia em que o ônibus estava tão lotado que eu não pude passar pela catraca. Próxima ao motorista, consegui visualizar a velocidade do automóvel: 70 km/h, oscilando para 80 km/h. Veloz, furioso e lotado, essa linha é conhecida por ter pilotos que trabalham com uma pedra no acelerador.

Eu venho de uma cidade cheia de morros e achava o máximo de emoção quando os motoristas aceleravam bem no início da descida. Até erguia os braços de modo infantil, simulando uma montanha-russa.



Rua da Lapa



Mobilidade que dá certo



Mureta ou pobreta interrogação

Bastou uma viagem no 485 para que as definições de montanha-russa fossem atualizadas.

Penso que o 485 é um projeto de bondinho – só que sem a sua graça e a sua elegância. O ônibus nem para direito para que a gente possa entrar! Ele reduz a marcha e os/as passageiros/as praticamente saltam para dentro. A pressa é tanta que frequentemente os motoristas perguntam se é possível não passar pelo bloco da Educação Física – não sei exatamente qual é o problema desse bloco. Com frequência, também, eles fecham a porta antes dos/as estudantes descerem por completo.

Às vezes eu me pergunto se a empresa de trans-

portes faz questão de pegar os motoristas mais “vida loca” da cidade para pilotar o 485. As únicas coisas capazes de estancar a correria são outros ônibus incendiados ou tiroteios que eventualmente acontecem na Linha Vermelha. Eu tinha certeza de que algum dia o 485 iria tombar e só desejava que não fosse dentro da Baía de Guanabara. Esse azar eu não tive.

Por fim, temos as bicicletas, meio de transporte que soma a estupidez dos carros à velocidade inconsequente dos ônibus. Não me entenda mal. Não é que eu não seja uma entusiasta das bicicletas, é só que elas resumem um estilo de vida louquíssimo.

A primeira (e única) vez que andei de bicicleta no perímetro urbano não foi numa ciclovia, foi no meio da rua, ao lado daqueles motoristas que descrevi anteriormente. Ciclovia é coisa para inglês ver. Elas existem, mas só na Zona Sul, predominantemente em regiões turísticas. Eu quero viver a cidade como moradora, não como uma turista!

É certo que as condições da minha bicicleta não eram das melhores: ela tinha apenas uma marcha, a corrente vivia caindo, o banco machucava e o cavalo era muito alto, fazendo com que eu precisasse pular para descer. Nessas condições, os carros e ônibus passavam muito próximos de mim, protegida apenas por um capacete. Chorei de medo, bati num carro, pensei em desistir muitas vezes e, mesmo assim, fui e voltei do Flamengo até a Tijuca.

Eu nem sabia chegar na Tijuca, então só seguia o baile. Andei junto

com um grupo de meninas que me deu muito suporte emocional e logístico, além de indicar o caminho. Fomos xingadas, hostilizadas e, por muito pouco, não fomos atropeladas.

Faz todo sentido. No trânsito em que a buzina resolve todos os problemas e em que a velocidade inconsequente é o mais importante, um grupo de meninas franzinas pilotando suas magrelas parecia idiota demais para merecer respeito.

Este guia (nada) amoroso indica: ao pegar qualquer meio de transporte, esteja munido/a de paciência, buzinas, capacetes e, na dúvida, colete salva-vidas. Vai que o 485 tomba na Baía de Guanabara...

O PREÇO DO AMANHÃ

Tem gente que converte seu dinheiro em arrobos; tem gente que converte seu dinheiro em dólares; tem gente que converte seu dinheiro em libras. Eu converto tudo em bandejões, porque cada um/a tem a conversão de valores que merece.

Ao buscar uma moradia, tive o primeiro contato com os preços absurdos do Rio de Janeiro. Cada vez que alguém me oferecia um quarto, eu tinha vontade de estapear a pessoa até ela recuperar a noção perdida. Quartos minúsculos, casas com cinco pessoas e apenas um banheiro, quartos divididos com estranhos, bairros tensos.... Tudo beirava os mil pilá! Sempre perguntava aos/as fornecedores/as se eles/as estavam alugando um quarto de castelo. Nunca riram da minha piada – e nunca era um castelo, também.

Depois de passar por alguns sofás emprestados, encontrei um lar no Flamengo onde morei com outras três pessoas. Cada um dos moradores pagava um valor diferenciado pelo quarto. Eu costumava dividir o apartamento em castas, em acordo com a qualidade do quarto de cada um/a: em ordem decrescente, havia o reinado, a nobreza e a plebe. Eu era a boba da corte, com um quartinho de fundos. Quando cheguei, tinha uma cama de casal que, praticamente, ocupava todo o espaço. Logo após, a trocamos por uma cama de solteiro, permitindo que desse uma



Outras formas de protesto para apreciação

volta de 360° pelo cômodo – um luxo!

Depois de um tempo morando na república, perguntei o valor total do aluguel que dividíamos e descobri que era rica. Morava num quarto ao lado da lavanderia, mas dividia um aluguel de cinco mil reais.

Após encontrar um apartamento com um preço menos sofrível, tive que avaliar os mercados no entorno. Por alguns dias, fiz a louca do caderninho e anotei o preço de alguns produtos em três locais diferentes. Meu mercado preferido, de longe, era o Mundial (Botafogo), apesar de eu sair de lá com dor de cabeça e evitar comprar frutas e verduras. Às vezes fazia compras no Extra (Largo do Machado) e, raramente, no Princesa (Flamengo).

Nunca entrei no Zona Sul, tenho medo do Pão de Açúcar e sinto náuseas no Hortifruti. Nesses lugares, o ar-condicionado é frio até para mim, que sou do Sul; a aparência é quase antisséptica de tanta organização e limpeza; e o público-alvo está mais para um Lulu da Pomerânia do que para uma pé-rapada como eu.

Com o tempo, fui encontrando outras alternativas para gastar menos: viver à base de bandejão e tapioca; pegar o transporte gratuito da UFRJ; me locomover a pé; e, simplesmente, não comprar eram algumas diretrizes. Mesmo com renúncias e alternativas, o que consumia era pago com um pouco de dinheiro e muitas lágrimas.

Nunca glamorizara minha estadia no Rio de Janeiro, porém, não achei que seria tão difícil. Vivem-



Arranha, mas não toca o céu



Pessoas estão cansadas

do no limite, R\$ 1.500 pagavam as coisas de adulto. Aluguel, luz, telefone, transporte, bandejão, cópias, impressões, material de limpeza e, de vez em quando, uma (uma!) cerveja faziam meu dinheiro escapar da minha conta numa velocidade inimaginável.

O custo de vida é tão surreal que eu pensei muitas vezes em voltar para minha cidadezinha. É óbvio que tem gente que vive com bem menos que isso e eu sou muito grata por ter a oportunidade e o privilégio de sofrer perto do Aterro do Flamengo. Ao mesmo tempo, também sei dos limites financeiros da minha mãe (professora de primeira à quarta série), do meu pai (pequeno agricultor orgânico) e do meu irmão (engenheiro civil recém-formado, pequeno agricultor orgânico, digitador de textos acadêmicos).

O preço do amanhã, isto é, o valor investido no meu futuro profissional é alto e, um dia, espero poder retribuir todo o esforço que meus familiares estão fazendo por mim. Torço e faço o possível para que esse dia chegue o mais breve possível.

Este guia (nada) amoroso indica: senta, chora e passa fome, porque tudo no Rio é caro, mesmo.

A ZONA SUL

Tudo é caro para o meu mirrado orçamento, porque eu moro na danada da Zona Sul. Juro que tentei sair de lá, mas não teve jeito. A casa-de-favor-número-um

(onde fiquei dez dias) era no Flamengo; casa-de-favor-número-dois (onde fiquei uma semana) ficava na Glória; a república a preço de castelo ficava no Flamengo; o último quarto alugado ficava em Botafogo, o melhor bairro.

A Zona Sul é bacana, porque tem o Botafogo, que, por sua vez, tem tudo: bancos, correios, botecos, tabelionatos, UFRJ, UniRio e meu amado Mundial. Além das ciclovias, aterro, praias e praças, como uma moça do interior, o que mais me chamou a atenção foi o comércio aberto até tarde e a possibilidade de almoçar a qualquer hora do dia.

Costumo transitar por Copacabana, Laranjeiras, Urca, Glória e, claro, Botafogo e Flamengo, locais habitados por pessoas mais velhas e endinheiradas ou jovens falidos amontoados. Por conta das praias e do constante calor, me sentia, frequentemente, uma turista curtindo suas férias sem um centavo no bolso.

A mencionada e reiterada falta de grana me faz optar por atividades gratuitas e próximas de casa, me levando, automaticamente, a redutos de uma esquerda festiva bem remunerada que adora pagar de mendiga. Eu devo ter ficado em coma por um tempo e, quando acordei,

percebi que estava na moda ser bicho-grilo.

Os novos mendigos, contudo, têm seus movimentos friamente calculados: vira-latas, mas bem aparados; comidas exóticas, mas gourmet; samba amador, mas na Praça São Salvador; cabelos bagunçados, mas estrategicamente jogados aqui ou acolá. Tudo isso compõe um legítimo visual “mendigo Nutella” de gente branca, ricaça e desconstruída. Para completar, sempre tem um homem de saia perambulando por aí e acabando com meu humor.

Além do contexto cultural, a esquerda festiva pós-mod, estudada e muito progressista é alternativa em seus atos de protesto: shows em Copacabana, balões de coração, bebidinhas, baseados, rostinho pintado, globais, bloco de carnaval e muitas selfies, enquanto grita “Diretas Já” sem violência.

Budista; vegetariana; “respeita as bike”; orgânica; coletor menstrual; yoga/pilates; Starbucks para o cliente “Fora Temer”; geleias de vinte pila; filmes europeus; falar francês; ter pena de pobre.

Não há nada de errado em desfrutar dos prazeres da vida conquistados por meio do trabalho. A esquerda não faz voto de pobreza, faz voto de equidade e solidariedade. Por outro lado, não são esses atos que vão transformar a realidade. Se travestir de mendigo/a não te faz vivenciar o estado de necessidade; homem cisgênero usando saia não traz risco à vida como acontece com os/as transgêneros; pregar a paz-pela-paz e as good vibes não alteram a material-

dade do caos que afeta os mais pobres.

Quando não escuta o que fala e não enxerga de onde fala, a burguesia folclórica, que adora ser diferente, assemelha-se muito a uma direita privilegiada e hipócrita. Talvez um pouco mais de empatia (em vez de simpatia) e luta (sem textão/selfie/check-in) fossem suficientes para caminharmos em direção à transformação.

Talvez. Não tenho a pretensão de indicar soluções ou diretrizes, apenas apontar o quão estamos reflexivamente atrasados e fisicamente isolados daquilo que supostamente tentamos combater com ações pífiás.

Este guia nada amoroso indica: as provocações apontadas anteriormente são complexas e carecem de muitos debates. É o que posso falar por ora.

METRÓPOLE “COSHMOPOLITA”

No Rio, convivo com pessoas de diversas regiões do país. A casa-de-favor-número-dois era de uma catariense; a república/castelo, entre gentilezas e aluguéis, abrigou gente do Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Amazonas e até de Cuba; em Botafogo, morei com um físico mineiro e um buldogue inglês paulista; das pessoas que quase moraram comigo, uma era de Salvador e a outra era da Suécia.

Numa noite no chorinho da Glória, conheci um argentino, um paraguaio, um colombiano e uma belga; meu amigo mais próximo é de São Paulo; e meu

orientador é do Pará. Se fizer as contas, acho que conheci uma pessoa de Minas Gerais ou de Pernambuco por semana, desde que cheguei. Não reclamo. Podem mandar vir mais!

Cariocas? Conheço poucos – e nem faço muita questão. Não bastasse o sotaque de cabra frouxo (que faz com que eles percam 25 anos da vida chiando) e toda a hostilidade referida na seção sobre o trânsito, o imaginário popular de um povo alegre e hospitaleiro é mito. Eu, migrante e sem dinheiro, tenho motivos para ser estúpida até com o vento, mas cansei de cumprimentar os motoristas do ônibus (em especial os do 485) ou a moça do bandeirão sem receber resposta. Ao mesmo tempo, escutei vizinhos discutindo aos berros e histórias absurdas de brigas em locais públicos, em plena manhã.

Percebi que, no Rio, tu só tem chance de se aproximar de gente nova se compor um grupo social. Eu, por exemplo, sou a Renata do IPPUR, amiga de alguns professores da UERJ, do pessoal do chorinho da Glória, de alguns mestrandos da UFF e só! Nunca saí de casa objetivando fazer amigos/as, salvo se for amigo/a de um/a amigo/a meu/minha.

Mais difícil do que conhecer cariocas é fazer amizades minimamente concretas. Cadê aquele povo risonho, que te recebe bem? Poxa, o pessoal não dá “bom dia”! Imagina se vão querer saber da tua vida, dos teus problemas, anseios e tudo mais.

No Rio, vivo um velho clichê: em meio a milhões de pessoas, é comum me sentir muito sozinha. Logo

Pessoas andam com pressa





Não se deixe enganar pelas bolhas de sabão

eu, fugida de Caxias do Sul, sentindo saudade da minha tão renegada cidadezinha.

Convivo com pessoas que me passam tranquilidade e o suporte necessários para enfrentar as dificuldades diárias, mas eu nunca me senti parte da cidade grande. Sempre me achei muito descolada em Caxias, e o Rio me fez ver que não passo de uma menina do interior que se impressiona com facilidade.

Ao mesmo tempo, tenho consciência de que lutei muito para chegar no Rio de Janeiro, movida pela efervescência, os dias ensolarados e a facilidade de acesso ao conhecimento – típicos de uma cidade grande do Sudeste. Tanto lutei para chegar, que tenho que lutar para ficar. Procuo me agarrar no que a cidade tem de melhor e seguir em frente, aguardando ansiosamente por aquele sorriso da vida que insiste em não chegar.

Este guia (nada) amoroso indica: (a) não perca a sua vida chiando; (b) lembre-se do calor, das festas nas ruas, das aulas. Foque nas coisas boas e siga em frente.

O RIO DE JANEIRO É UM MIGUÉ

O Rio de Janeiro é extremamente sedutor. Tudo acontece por aqui ao ponto de eu não dar conta! Espetáculos teatrais, festivais de cinema, manifestações políticas, apresentações musicais, palestras – tudo de

renome nacional e internacional. A cidade é uma grande referência para cultura, política e educação, além de, claro, turismo.

Mas o Rio não é tão maravilhoso assim. Os prédios imponentes, as avenidas largas cheias de pessoas caminhando com pressa, os constantes engarrafamentos, as várias pessoas em situação de rua, o preço de tudo (salvo bandejão) e o fato de nada, absolutamente nada, funcionar nessa maldita cidade são fatores que me fazem querer sumir daqui.

Tudo é demais, principalmente os contrastes. Para cada prédio milionário da Zona Sul, há mil favelados; para cada carro preso no trânsito, há dez bilhetes gratuitos concedidos a estudantes da rede pública; para cada forasteiro/a cheio/a de sonhos que chega, há pelo menos duas pessoas abatidas que querem partir.

O Rio de Janeiro é um grande migué, consolidado nos ombros de um Cristo que parece estar de braços abertos pra ti, mas que logo te larga, lá de cima, sem dó. A feira tem frutas e hortaliças mais caras que o mercado; as praças públicas são cercadas; alguns viadutos

simplesmente não foram concluídos, conectando o nada a lugar nenhum; alguns prédios são implodidos por falta de conclusão da obra; há assaltos em locais próximos aos órgãos de segurança do governo; entre outras situações absurdas que só se vê na cidade da piada pronta.

Suas confusões e dicotomias que tanto me enlouquecem são, ao mesmo tempo, o que mais me assemelha à capital carioca – e talvez por isso lute para permanecer nela. Por mais que narre desventuras, sei da oportunidade que tenho e dos resultados positivos que essa experiência pode me trazer ao longo da minha trajetória acadêmica.

Sem dinheiro, sem referências, sem perspectivas reais, sem lenço, sem documento, vou continuar brigando pelo meu lugarzinho ao sol. Essa cidade, seus preços altos, seus nativos chatos e sua burguesia folclórica milionária vão ter que me engolir, nem que seja na marra.

Este guia conclui: a gente gosta das coisas, dos filmes, dos passeios, das pessoas ou das cidades não pelo que eles/elas são, mas apesar do que eles/elas são. Apesar de tudo, eu gosto muito (muito mesmo) do Rio de Janeiro. Renuncio à qualidade de vida, aceito os defeitos de uma cidade que suga tudo de mim e faço planos para permanecer aqui por mais tempo. Se isso não é uma relação de amor, eu não sei que raio é isso, afinal. Não se deixe enganar pelas bolhas de sabão, mas não deixe, também, de soprá-las. ■